

Índice

Introdução: Quando debaixo do sol é tempo de edificar	9
Nota Editorial	25
Dezoito Discursos Edificantes	
<i>Dois Discursos Edificantes</i> de 1843	
Prefácio	35
Expectativa da fé. Dia de Ano Novo	36
Toda a dádiva boa e toda a dádiva perfeita são do alto	59
<i>Três Discursos Edificantes</i> de 1843	
Prefácio	85
O amor encobrirá uma multidão de pecados	86
O amor encobrirá uma multidão de pecados	104
A confirmação no homem interior	115
<i>Quatro Discursos Edificantes</i> de 1843	
Prefácio	143
O Senhor deu, o Senhor tirou, louvado seja o nome do Senhor	144
Toda a dádiva boa e toda a dádiva perfeita são do alto	161
Toda a dádiva boa e toda a dádiva perfeita são do alto	178
Adquirir a sua alma na paciência	198
<i>Dois Discursos Edificantes</i> de 1844	
Prefácio	221
Conservar a sua alma na paciência	222
Paciência na expectativa	247

<i>Três Discursos Edificantes</i> de 1844	
Prefácio	277
Pensa no teu criador na tua juventude	278
A expectativa de uma salvação eterna	298
Que seja ele a crescer e eu a diminuir	322
<i>Quatro Discursos Edificantes</i> de 1844	
Prefácio	345
Necessitar de Deus é a suprema perfeição do homem	347
O espinho na carne	378
Contra a cobardia	401
Quem reza rectamente combate na oração e triunfa — pelo facto de Deus triunfar	431

Dois Discursos Edificantes

[1843]

Copenhaga
Impresso na Tipografia de Bianco Luno
1843

*Ao falecido
Michael Pedersen Kierkegaard¹,
outrora mercador têxtil aqui na cidade,
meu pai
são dedicados estes discursos*

PREFÁCIO

Embora este livrinho (que por isso se intitulou «discursos» e não sermões, porque o seu autor não tem autoridade para *pregar*; «dois discursos edificantes» e não discursos para edificação, porque o orador de modo algum pretende ser *mestre*) deseje tão-só ser aquilo que é, uma superfluidade, e só enseje permanecer na sombra, tal como veio à existência clandestinamente, não me despedi dele, todavia, sem uma esperança quase mirabolante. Dado que, ao ser publicado, de certo modo, em sentido figurado, inicia uma deambulação, permiti-me segui-lo com os olhos por breve tempo. Então, vi como seguiu o seu curso por veredas solitárias ou solitariamente por caminhos públicos. Depois de um ou outro pequeno mau entendimento, em que se deixou enganar por uma semelhança fortuita, encontrou por fim esse indivíduo singular, a quem chamo com alegria e gratidão **o meu** leitor, esse singular que ele busca, a quem por assim dizer estende os braços, esse singular com suficiente benevolência para se deixar encontrar, com suficiente benevolência para recebê-lo, quer no instante do encontro o encontre alegre e confiante quer «fatigado e pensativo». — Na medida em que ao ser publicado, ao invés, permanece em sentido mais próprio em silêncio, sem sair do lugar, permiti-me descansar nele os olhos por breve tempo. Ali estava ele como uma florinha insignificante, escondida na grande floresta, sem dela procurar retirar nem fulgor, nem perfume, nem alimento. Mas, então, vi também, ou fiquei em crer que vi, como a ave à qual chamo **meu** leitor fincou nela os olhos de repente e, lançando-se em voo sobre ela, colheu-a e levou-a consigo. E, então, tendo visto isto, mais eu não vi.

Copenhaga, 5 de Maio de 1843²

S. K.

2 Data do 30.º aniversário de Kierkegaard.

Expectativa da fé Dia de Ano Novo

Oração

Mais um ano passou, Pai celeste! Agradecemos-te por se ter juntado ao tempo da graça e por não nos atemorizarmos por também haver de ser contado quando prestarmos contas; pois nós confiamos-nos na tua misericórdia. Eis diante de nós o Ano Novo com as suas exigências; e, se bem que entremos nele acabrunhados e preocupados, porque não podemos nem queremos ocultar de nós o pensamento do prazer do olhar que encantou, da doçura da vingança que seduziu; da cólera que nos tornou implacáveis, do coração frio que fugiu para longe de ti; assim sendo, também não entramos nele realmente de mãos completamente vazias; pois também quisemos deveras levar connosco recordações das temerosas dúvidas que foram aquietaadas; das preocupações silenciosas que foram reconfortadas, do ânimo acabrunhado que se reergueu, da alegre esperança que não foi humilhada. Sim, quando quisermos, em instantes pesarosos, fortalecer e encorajar a nossa mente com pensamentos de grandes homens, teus instrumentos escolhidos, que em difíceis provações do ânimo³, o coração tomado de angústia, mantiveram a mente livre, a coragem incólume, o céu aberto; também assim nós queremos juntar-lhes o nosso testemunho na certeza de que, se a nossa coragem em comparação com a deles é tão-só desalento, o nosso poder, impotência, também assim, contudo, Tu és o mesmo, o mesmo Deus poderoso que põe à prova os espíritos em combate, o mesmo Pai, sem cuja vontade nem um pardal cai ao chão⁴. Ámen.

3 Opção para traduzir *anfxægtelse* /*anfægtelser* em todos os discursos.

4 Mateus, 10:29: «Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? E nenhum deles cairá na terra sem a vontade do vosso Pai.»

A Epístola escrita por S. Paulo aos Gálatas,
cap. 3, versículo 23 até ao fim⁵

É no primeiro dia do ano que aqui nos reunimos, devotos ouvintes! A festa que hoje celebramos não tem designação eclesial e, contudo, para nós, a sua solenidade não é menos bem-vinda, nem é menos sério o seu convite à serena meditação. Eis-nos aqui congregados na casa de Deus, onde sempre se deve falar acerca do mesmo, se bem que de modos diversos, de acordo com o tempo e a oportunidade. Um ano passou e um novo ano começa; ainda nada nele aconteceu; o passado está encerrado, o presente não é, só o porvir é o que não é. Na vida quotidiana, costumamos de vez em quando desejar o bem uns aos outros. Então, tal como cremos conhecer a situação específica de uma pessoa, os seus pensamentos e acções, opinamos reunir condições para, no mesmo grau, ousar desejar-lhe um determinado bem que precisamente a ela e à sua vida se adequa. Também nesse dia não deixamos de mostrar às outras pessoas a nossa boa vontade e empatia ao desejar-lhes este ou aquele bem. Mas como nesse dia o pensamento sobre o porvir, ou a insondável possibilidade que nele se encontra, para nós se torna muitíssimo vívido, o nosso desejo inclina-se mais a ser de carácter mais geral, porque depositamos esperança em que a maior abrangência do desejo venha a conseguir mais facilmente agarrar a diversidade do porvir, por-

5 Gálatas, 3:23-29: «[M]as, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar. / De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados; / Mas, depois que a fé veio, já não estamos debaixo do aio, / Porque somos todos filhos de Deus, pela fé em Jesus Cristo. / Porque todos quantos fostes baptizados em Jesus Cristo, já vos revestistes de Cristo. / Nisto não há nem judeu nem grego; não há masculino nem feminino; porque todos vós sois um, em Cristo Jesus. / E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros, conforme a promessa.»

que sentimos a dificuldade que há em desejar algo determinado em relação ao indeterminado e ao indeterminável. No entanto, não deixamos que essa dificuldade trave o nosso desejo, não damos tempo ao pensamento para inquietar os enigmáticos e indeterminados impulsos do coração; seguimos uma boa vontade, a qual, se bem que não mereça a honra de levar o nome de amor, também não deve ser desconsiderada como levandade. Só abrimos uma exceção no que diz respeito a uma única pessoa. Por ela bate mais veloz o nosso coração, preocupamo-nos mais com o seu bem-estar. Quanto mais é este o caso, tanto mais cientes ficamos da dificuldade. 119| À medida que o pensamento mergulha no porvir, perde o rumo nesse seu esforço febril de extorquir ou arrancar uma explicação⁶ ao que é enigmático; sondando, corre de uma possibilidade para outra, mas é em vão; e durante tudo isto a alma que deseja cai numa tristeza melancólica, fica à espera de que o pensamento houvesse de regressar com a informação do que ela ousaria desejar com toda a sua interioridade. O que outros fazem facilmente e sem esforço, a essa pessoa parece árduo e difícil; o que ela própria facilmente faz aos outros parece-lhe árduo em relação àquele que ama, e a dificuldade torna-se maior quanto mais ela ama. Por fim, fica perplexa; não quer que a pessoa amada escape ao seu poder, não quer entregá-la à violência do porvir e, contudo, tem de ser; quer vê-la acompanhada de todos os desejos bons e, contudo, não tem um único que seja.

Se a alma preocupada de uma pessoa se sentisse encurralada nesta dificuldade como um recluso, então, decerto que os testemunhos que havia escutado nesses lugares sagrados lhe viriam à mente; talvez fosse até lá para verificar com novas ponderações e perquirições se não haveria um desejo que fosse tão seguro que ela ousasse colocar nele toda a interioridade da sua alma, sem dele retirar qualquer parte para um outro desejo que fosse igualmente relevante para a pessoa amada; tão seguro que antes seria de temer não sentir a interioridade suficiente para o desejar como ele deveria ser desejado; um desejo que ela não necessitasse de fazer acompanhar de novos desejos para que tivesse de subsistir; um desejo que não subsistisse perfidamente depois de o indi-

6 «Forklaring» e «at forklare» desempenham um papel crucial num grande número destes discursos edificantes. A primeira valência é, respectivamente, «explicação» e «explicar»; mas são estes os mesmos termos que designam «transfiguração» e «transfigurar», havendo ocorrências em que as duas valências se justapõem, em particular, quando intencionalmente se busca um contraste com o «discurso obscuro». Vd. adiante nota 35.

víduo haver terminado de o desejar; um desejo que não dissesse respeito a uma coisa particular, que não houvesse de ter esquecido uma outra coisa particular que mais tarde pudesse sobrepor-se, perturbando; um desejo que não dissesse respeito ao presente, mas se adequasse ao porvir, de tal forma que fosse essa deveras a ocasião que era desejada. Se houvesse um tal desejo, então, seria livre e feliz, feliz por via do seu desejo, mais feliz por poder desejá-lo para o outro.

E nesses locais sagrados até se fala de muitas coisas boas. Fala-se dos bens do mundo, da saúde, de dias felizes, de riqueza, de abundância, de ventura, de uma memória gloriosa; e previne-se contra elas; pois previne-se quem as tem para que nelas não creia; e previne-se quem as não tem para não pôr nelas o coração. Sobre a *fé*, a conversa conduz-se de outro modo. Diz-se que é o supremo bem, o mais belo, o mais precioso, [20] a riqueza de toda a bem-aventurança, que não é para ser comparada com qualquer outra coisa, nem para ser substituída. Então, será a *fé* agora tão diferente de todos os outros bens, por ser o bem supremo, sendo no restante da mesma espécie, passageira e instável, apenas concedida a alguns eleitos, raramente para toda a vida? Se assim fosse, então, até se tornaria inexplicável que nesses lugares sagrados sempre se falasse única e exclusivamente da *fé* e que fosse louvada e celebrada vezes sem fim. Quem houvesse de discursar até teria ou de estar na posse desse bem ou de sentir dele a falta. Se o possuísse, então, certamente que diria: «Admito de bom grado que é o mais magnífico de tudo, mas exaltá-la em detrimento de outros, não! Não posso fazê-lo, até seria muito mais duro para os que não a têm; além disso, acresce a este bem uma dor secreta que me deixa mais só do que os mais difíceis sofrimentos.» E até pensou nisto de um modo nobre e benévolo. Mas quem não a tivesse não seria de todo capaz de celebrá-la. Assim sendo, então, aconteceria o oposto daquilo que acontece; a *fé* passaria a ser o único bem que nunca era mencionado nesses lugares; pois seria excessivamente grande para alguém ousar prevenir contra ela, excessivamente magnífica para ousar exaltá-la por temer que houvesse de estar presente alguém que não a tivesse ou que não conseguisse alcançá-la. Assim sendo, então, a *fé* é de um outro carácter; não se limita a ser o supremo bem, é antes o bem que pode ser partilhado por todos; e aquele que na sua posse ache alegria alegre-se simultaneamente por toda a incontável espécie humana, «pois o que eu possuo», diz ele, «todo o homem possui ou pode possuir». Quem a deseja para outro